

A PERSPECTIVA SOCIOCULTURAL E ECONÔMICA DOS PESCADORES ARTESANAIS URBANOS DO BAIRRO DE SÃO JOSÉ OPERÁRIO PARINTINS-AM

Eliomar Dutra Colares¹
João Bosco dos Santos Brasil²

RESUMO

A pesca é uma das mais antigas e importantes atividades socioeconômicas e cultural que os povos ribeirinhos da Amazônia desenvolvem e se traduz como a principal fonte alimentar de suas famílias. Nesta pesquisa buscamos estudar a perspectiva sociocultural e econômica dos pescadores artesanais urbanos do bairro de São José Operário, onde objetivamos estudar também realidade socioambiental desses pescadores artesanais urbanos; bem como identificar os principais problemas socioambientais enfrentados pelos pescadores; conhecer um pouco da história de vida dos pescadores do bairro de São José; reconhecer a importância social, econômica e cultural da pesca para as famílias de pescadores. Desenvolvemos a pesquisa através de uma abordagem dialética e por meio da pesquisa bibliográfica buscamos entender a temática. Utilizamos também a entrevista como técnicas para registrar o posicionamento dos pescadores artesanais urbanos que aqui se nomeiam sujeitos sociais desta pesquisa. Trata-se de um trabalho de caráter qualitativo, pois discute os dados coletados em consonância com a realidade e a dinâmica em que ele acontece. Os resultados alcançados desta pesquisa evidenciaram que as atividades tradicionais da pesca, desenvolvidas por sujeitos sociais são históricas e de grande valor para o município de Parintins AM, mas passa despercebida diante dos olhares da sociedade, bem como das políticas públicas do município.

Palavras-Chaves: Pesca. Pescadores Artesanais Urbanos. Conhecimentos socioculturais.

¹Graduando do curso de Licenciatura Plena em Geografia no Centro de Estudos Superiores de Parintins (CESP) da Universidade do Estado do Amazonas (UEA).

² Mestre em Geografia, Professor do Centro de Estudos Superiores de Parintins.

INTRODUÇÃO

Compreender as vivências do cotidiano de diferentes grupos sociais em nossa região é de extrema importância para o Ensino e para a Geografia. A pesca caracteriza-se como uma das principais atividades desenvolvidas na Amazônia e particularmente em Parintins. Desenvolver temas como este nas aulas de Geografia é fundamental para compreensão de uma das realidades vivenciadas por pescadores que muitas vezes ficam à margem da sociedade na contemporaneidade.

Esta pesquisa objetivou estudar a perspectiva sociocultural e econômica dos pescadores artesanais urbanos do bairro de São José Operário em Parintins-Am. Tendo como objetivos identificar os principais problemas socioambientais enfrentados pelos pescadores; conhecer a história de vida dos pescadores artesanais do bairro do São José; reconhecer a importância social, econômica e cultural da pesca para as famílias dos pescadores. O caminho metodológico foi norteado pelo método dialético onde, nos possibilitou entender a realidade socioambiental dos pescadores artesanais do bairro de São José.

Utilizamos também a entrevista como técnicas para registrar o posicionamento de cinco pescadores artesanais urbanos: Ocivair da Silva Reis 57 anos, Jorge Carlos Pereira da Silva 60 anos ambos moradores do beco São José, Raimundo Nogueira Preste 69 morador da rua Raimundo Almada, Luiz Ribeiro Simas 67 anos morador da rua Lindolfo Monteverde, Clenildo Vasconcelos 47 anos morador da baixa da Xanda. Aqui nomeiam-se como sujeitos sociais desta pesquisa. Trata-se de um trabalho de caráter qualitativo, pois discute os dados coletados em consonância com a realidade e a dinâmica em que ele acontece. E para a fundamentação e enriquecimento deste artigo selecionamos os seguintes autores: Veríssimo (1970), Cruz (2007), Terezinha Fraxe (2009), Witkoski (2009), Furtado (1993), Cardoso (2014), Couto (2005), e Ramos (2009) entre outros que serviram de apoio para a escrita e construção deste estudo.

Este trabalho está dividido em três capítulos: no primeiro capítulo, procuramos abordar o contexto histórico e cultural dos pescadores artesanais urbanos do bairro de São José, desde seu processo de evolução até nos dias atuais; No segundo capítulo identificamos os pescadores do referido bairro, e nos propomos a entender um pouco mais das suas atividades cotidianas. No terceiro capítulo, foi estudada a pesca como fonte de renda para os mesmos e apontamos suas dificuldades enfrentadas no seu ambiente de trabalho. Por fim, as

Considerações Finais que reafirmam as ideias centrais desta pesquisa e explicita as últimas considerações acerca do tema.

1 OS PESCADORES ARTESANAIS DE PARINTINS NO CONTEXTO HISTÓRICO E CULTURAL

A atividade pesqueira sempre fez parte da vida dos povos ribeirinhos da Amazônia, particularmente do município de Parintins. A cultura da pesca também pode ser denominada como extrativismo pesqueiro, pois esta prática consiste na retirada de recursos aquáticos que há séculos é desenvolvido na Amazônia e, sobretudo no estado do Amazonas (CARDOSO 2014). Essa atividade é histórica sendo praticada pelos nativos muito antes à chegada dos colonizadores (VERÍSSIMO, 1970). Começou com as confecções de seus instrumentos nas suas próprias aldeias como forma de sobrevivência ao meio do qual estavam ou estão inseridos. É o que nos afirma Cruz (2007, p.146) “a utilização dos recursos heliêuticos pelas diferentes sociedades indígenas é anterior ao processo de colonização. Os cronistas foram unânimes em relatar a abundância de peixes e quelônios existente na região”.

A pesca sempre foi um dos principais meios de subsistência³ para os nativos por causa da facilidade e da grande quantidade e variedade de espécie de pescado que podiam capturar (CRUZ, 2007). Porém, estes somente retiravam da natureza aquilo que realmente fosse necessário para suprir suas necessidades. Eles se utilizavam de apetrechos e estratégias para garantir sua alimentação mesmo no período de sazonalidade dos rios, sem que houvesse agressão em grandes proporções a ictiofauna.

Com a chegada dos colonizadores europeus houve uma grande reviravolta na vida dos nativos, sua cultura e seus costumes foram os mais abalados. O contato entre nativos, brancos e negros propiciou com o passar dos tempos uma diversificação ainda maior no contexto sociocultural vivido pelos indígenas (CRUZ, 2007). Segundo o referido autor do contato surgem os povos ribeirinhos, um dos principais protagonistas desta importante e histórica cultura milenar, munido de ensinamentos e técnicas tradicionais herdadas de seus ancestrais e passam a utilizar a pesca com técnicas mais aperfeiçoadas como meio de sobrevivência. Segundo Cruz (2007, p.146) “foi essa grande disponibilidade de alimento,

³ Segundo Witkoski (2009), A noção de subsistência reúne duas práticas: 1) a pesca para autoconsumo e 2) captura do pescado destinado à vida econômica, cultural e condições naturais.

aliado aos caminhos fluviais navegáveis, que facilitou a penetração dos colonizadores nesse vasto território amazônico, sobretudo os portugueses”.

Os europeus com sua visão mercantilista não compreenderam os padrões adaptativos dos indígenas, se deixando levar somente pela facilidade em obter grandes quantidades de alimentos para sustentar seu projeto de exploração. E a Amazônia por ser um dos lugares mais privilegiados na concentração da biodiversidade do planeta foi quem sofreu maiores danos juntamente com seus habitantes.

A prova disso se revela no contexto histórico e na identidade das sociedades Amazônicas (FRAXE, 2009). Com a penetração dos colonizadores que se deu devido ao atrativo de grande fartura de peixes e outros elementos da natureza, logo foram instalados pontos pesqueiros por todos os lados da região amazônica tanto do governo imperial como também particulares que desta forma demarcavam territórios (VERÍSSIMO, 1970). Esses pontos pesqueiros também foram instalados no Amazonas, um dos pontos que temos mais conhecimento é o de Manacapuru (CRUZ, 2007). Após a decadência dos pesqueiros e também da Coroa Portuguesa no Brasil, o legado de alguns instrumentos de pesca e também algumas técnicas que foram introduzidos pelos europeus ficou sob a posse dos povos ribeirinhos pescadores que são utilizados na atualidade só que com mais aprimoramento (CRUZ, 2007). Pois vale ressaltar que os indígenas antes da chegada dos colonizadores já utilizavam técnicas e apetrechos de pesca, como discorre Cruz (2007, p.146):

Os utensílios utilizados pelos indígenas para a pesca nesse primeiro momento de contato eram caniço, anzóis, arco e flechas e uma espécie de rede pequena denominada de puçá. Todos esses instrumentos eram confeccionados na própria aldeia, no qual utilizavam-se de recursos locais, como osso, dentes de animais, as redes eram tecidas de algodão usadas apenas para cercar, pois nesse período não se tem relato do uso de redes para emalhar como a da atualidade.

Hoje se pensarmos que foram os europeus os principais inventores dos instrumentos de pesca na Amazônia podemos estar equivocados. Mas podemos pensar estes como principais contribuidores e modificadores desses instrumentos como as tarrafas, as redes de arrastos e bico de armas de pesca feito de ferro muito usado nas pescarias europeias (CRUZ, 2007). Essas novas técnicas foram inseridas nas vidas dos nossos ancestrais que por sua vez já as utilizavam, mas de maneira rudimentar. Essa contribuição se difundiu, sobretudo por toda Amazônia principalmente nas categorias pesqueiras que hoje é tão imprescindível na vida daqueles que se utilizam da pesca tanto para pescadores de várzea como para pescadores de

terra firme e também pescadores artesanais urbanos⁴ este último é o foco principal desta pesquisa.

É importante também salientar que não foram somente os apetrechos de pesca que foram modificados pelo contato com o europeu, mas também o fim para o qual se define a pesca. Pois, antes se pescava como meio de subsistência sem que houvesse a preocupação de vender o excedente, hoje é necessário que os pescadores além de alimentarem suas famílias, também se utilizem dos recursos financeiros proporcionados pela venda do pescado para suprir outras necessidades de consumo. Como nos relata o senhor Ocivair da Silva, 57 anos, pescador do bairro de São José:

“[...] Tu não vendeu ontem, mas hoje tu ganhou. Aí o caboco compra o café, o açúcar bacana pra casa, sobra dinheiro, compra a gasolina e já vai de novo [...] Se eu vendê uma cambada já dá pra comprá a farinha, o café e cadê minha gasolina? [...] A gente vai lá e volta de tarde [...] pra comprá minha gasolina, compro gelo, compro farinha e meu tabaco, que eu gosto muito”.

O que podemos perceber no relato deste pescador é que com o passar do tempo ocorreram algumas mudanças devido o novo contato de relações sociocultural, mais precisamente, na vida de quem vive da pesca, pois estes agora dependem de produtos principalmente os industrializados que foram incorporados nas suas vidas e hoje comercializar uma parte de seu pescado faz parte de sua vivência dando outra conotação na sua identidade.

A identidade dos povos ribeirinhos Fraxe (2009, p.29) afirma: “trata-se de entender os significados que estão sendo atribuídos a estes termos no campo acadêmico e como esta noção vem sendo percebida entre os próprios habitantes da região”. Então, entender a verdadeira identidade dos sujeitos que habitam esse vasto território Amazônico é procurar compreender o processo histórico e cultural que se estendem há séculos nesta região, ou seja, os ameríndios, os europeus, os negros deram origem aos povos amazônicos juntamente com os seringueiros nordestinos que vieram para a Amazônia em busca de uma vida melhor, assim se formou a sociedade amazônica de hoje (FRAXE, 2009). Portanto sendo desta forma, as junções de sujeitos distintos fazem uma nova organização social no cenário amazônico.

Assim Ramos (2009, p. 171) afirma:

O habitante da região amazônica, pelo intermédio histórico de sua formação e desenvolvimento na região, assim como pelos interfluxos da cultura ameríndia local e do colonialismo europeu, originou e construiu uma identidade local, infligindo num conhecimento próprio, dado pela hibridação de culturas e conhecimento

⁴ São pescadores de subsistência, que migraram das várzeas do município de Parintins para a cidade em busca de melhoria de vida, fabricam seus próprios arreios (apetrecho) de pesca de forma artesanal, alguns fazem parte da colônia de pescadores, não têm interesse em capturar grande quantidade de pescado, pescam somente para o autoconsumo e partes vendem para comprar produtos industrializados. Portanto os pescadores aqui pesquisados são junções de duas categorias: artesanal e de subsistência.

diferentes, reconfigurando-se numa dinâmica e mobilidade tão só vista na região, reflexo do que hoje se considera como culturas tradicionais.

As culturas tradicionais amazônicas originadas da dinâmica de sua formação histórica e cultural de junções de diferentes sujeitos sociais que resultaram no homem amazônico, se proliferaram por toda a região e hoje estão mais organizados como sociedade, e se identificam e se relacionam uns aos outros conforme a suas ações nas localidades onde vivem sejam eles moradores de terra firme, moradores de várzea ou moradores urbanos.

Nesse sentido, Marconi (2001, p.61) pontua que “as culturas mudam continuamente, assimilam novos traços ou abandonam os antigos, através de diferentes formas. Crescimento, transmissão, difusão, estagnação, declínio, fusão são aspectos aos quais as culturas estão sujeitas”. O homem da Amazônia é um resultado da fusão de diversas culturas e o vínculo pelo lugar em que vive lhe permite ser chamado de índios, caboclo, ribeirinho, caboclo-ribeirinho, pescador da Amazônia, roceiro ou até mesmo seringueiro e etc. Essas singularidades só podem ser encontradas na sociedade amazônica, que para Witkoski (2009, p.111) é:

[...] o capital cognitivo (o conhecimento), as representações sociais e as práticas de trabalho traduzem a memória social e a identidade desses agentes sociais que vivem e conhecem a várzea amazônica e seus recursos, perfazendo também a circularidade da cultura com grupos sociais de vizinhança.

As singularidades também podem ser encontradas e estão intimamente relacionadas com a cultura Parintinense, seu sotaque (modo de falar), seus estilos de fazer suas casas e como organizam suas comunidades, suas vilas, povoados, suas cidades, e etc. Assim vão produzindo e reproduzindo seus saberes, seus costumes, dando continuidade nos legados deixados por seus antepassados e ao mesmo tempo resistindo aos avanços do mundo contemporâneo.

Essa prática tradicional que além de esta distribuída por toda a Amazônia também pode ser percebidas nos pescadores artesanais do bairro de São José Operário, na cidade Parintins AM, também conhecida como ilha Tupinambarana, localizada no baixo Amazonas, distante 369 km de Manaus, capital do Estado do Amazonas. (CARDOSO, 2014). De acordo com o (IBGE, 2015), Parintins conta atualmente com 111.575 habitantes (cento e onze mil, quinhentos e setenta e cinco).

A referida cidade de Parintins possui vinte bairros e entre eles está o bairro de São José Operário (SOUZA, 2014). Depois de uma observação *in loco* este bairro foi escolhido para a realização de estudo sobre os pescadores artesanais urbanos de Parintins-Am. Além

disso, também foram selecionados minuciosamente cinco pontos dentro do referido bairro para realizarmos a pesquisa: Beco de São José; Baixa da Xanda; Rua Raimundo Almada; Rua Lindolfo Monte Verde e Buraco (porto) de embarque e desembarque dos pescadores.

Além de outros moradores, o bairro ainda abriga alguns remanescentes de pescadores artesanais que se tornaram urbanos devido a migração que fizeram para a cidade em busca de saúde, educação e uma melhoria na renda familiar. Essas buscas de melhorias de vida acabaram contribuindo na formação do bairro de São José Operário e conseqüentemente ampliando o perímetro urbano. É o que nos informa o senhor Jorge Carlos Pereira, pescador do bairro de São José Operário: “[...] com o tempo que se passou né, tem os filhos pra estudá, ai resolvi morá pra cá”.

Esses sujeitos que migraram, na sua maioria são povos ribeirinhos oriundos das várzeas. São habilidosos pescadores e têm por excelência um vasto conhecimento sobre pesca, e ao entrarem em contato com a realidade da vida urbana enfrentaram grandes dificuldades principalmente na busca em encontrar emprego fixo, isso devido ao baixo grau de escolaridade e a falta de experiência nos cargos que anseiam as expectativas das pequenas empresas locais.

Os pescadores artesanais urbanos do bairro de São José Operário ainda conservam os saberes e as técnicas ensinadas sobre a pesca, ensinamentos estes que foi repassado de seus avôs para seus pais e destes a seus filhos e que estes últimos ainda continuam sendo pescadores dos lagos de várzeas de onde migraram, mas que devido as grandes e intensas dificuldades enfrentadas no exercício de suas atividades não desejam essa profissão para seus filhos. Estão sempre buscando novas perspectivas e é no estudo que encontram a esperança de dias melhores para seus filhos. São herdeiros de uma cultura tão significativa para suas vidas que ainda se utilizam desse recurso para o sustento de suas famílias e ao mesmo tempo mantêm esta tradição que ainda resiste mesmo nos tempos de modernidade.

A transmissão dos conhecimentos das populações locais, como no caso das comunidades de pescadores ribeirinhos da Amazônia, realiza-se pela continuidade dessas práticas, por intermédio de uma convivência em grupo, ou dos registros mentais que são perpassados de pai para filho, onde, neste caso, o mais velho possui um papel relevante para essa transmissão, configurando-se como uma espécie de escola informal onde se transmite uma verdadeira ciência do concreto. (WITKOSKI, 2009, p.166).

Nesse sentido, se percebe o quanto é importante conservar essas atividades socioculturais repassadas de pai para filho e que mesmo nos dias de hoje essa prática ainda resiste no tempo. Esses pescadores fabricam com bastante habilidade seus próprios apetrechos

de pesca como: caniço; tarrafas; hástias; arcos; flechas e as malhadeiras com malhas de tamanho diversificadas especificamente feitas para captura de espécies diferentes como nos mostra a figura 1.



Figura 1: senhor Ocivair na fabricação artesanal de malhadeira.
Fonte: COLARES, 2015

Saem em busca dos ambientes de pesca, como lagos, furos, igarapés que por sua vez têm importante papel associado à sua produtividade. Esses ambientes de pesca são chamados pelos pescadores do bairro de São José de “coio”, principais lagos de pesca. Sendo representados pelo parananema, poção, saracura, igarapé do amazonas e lago do jacaré, onde tais pescadores encontram em quantidade as espécies de peixes necessárias a sua subsistência socioeconômica.

Para (RAPOZO 2009, p.198),

[...] o sentido de autoafirmação entre pescador, ambiente de pesca e sua comunidade são de suma importância, pois revelam fatores bastante singulares que fazem com que os lugares onde se estabelecem as relações sociais necessárias para a produção da vida [...] são ditados pela percepção, a ação, o discurso e o pensamento.

Assim os pescadores do bairro de São José construíram relações próximas com seus lugares de pesca, pois para eles os lagos são de onde retiram seu sustento, foi aí que seus avôs, seus pais pescaram e ensinaram seus filhos a pescar e agora conhecem com muita propriedade as características dessas localidades: o comportamento das águas e dos peixes, as espécies e os hábitos alimentares dos mesmos. Então fazem seus arreios de pesca (apetrechos) a fim de irem à busca dos recursos pesqueiros encontrados nos lagos e que ao capturá-los

comercializam o excedente do pescado por meio de cambadas⁵, e outra parte é destinada para o mantimento do lar. Essas são algumas das práticas exercidas pelos pescadores artesanais urbanos do bairro de São José Operário. Conhecer as dificuldades, alguns hábitos, suas vivências e como exercem a atividade de pesca é o que procuraremos mostrar deste ponto em diante.

2 OS PESCADORES ARTESANAIS URBANOS DO BAIRRO DE SÃO JOSÉ OPERÁRIO PARINTINS-AM

A cidade de Parintins no Estado do Amazonas constitui vinte bairros entre estes se encontra o de São José Operário, que se localiza a oeste da referida cidade. É um dos bairros mais tradicionais e teve seu início a partir da década 1960 com a implantação da fábrica de juta, hoje atual cidade garantido, na década de 1970 passou a ser conhecido pelo nome do bairro já mencionado, devido à fundação da igreja que é de mesmo nome e também devido ali existir na época o sítio de nome São José, de propriedade do senhor Lindolfo Monteverde – o grande folclorista nato – fundador do boi garantido (SOUZA, 2014).

O bairro de São José Operário inicia-se na intersecção da Avenida Nações Unidas com a Rua Padre Jorge Frezzini, até as margens do Lago do Macurany, no sentido Noroeste até a Rodovia Odovaldo Novo, até o limite do imóvel da Cidade Garantido, no sentido Norte até as margens do Rio Amazonas, e no sentido leste até a Rua Rui Araújo, até a intersecção com a Avenida Nações Unida. O bairro de São José (Figura 2) tem em sua composição o antigo bairro de Itaguatinga e parte do bairro de São Benedito(SOUZA, 2014).

⁵ Técnica de enfiar peixes para venda geralmente em fibra de mungubeira árvore de grande porte muito comum nas várzeas amazônicas de onde se extrai da casca a fibra.



Figura 2: Localização da Área de Pesquisa.

Fonte: GOOGLE SATÉLITE, 2014.

Org.: NASCIMENTO, 2014.

Foi no bairro de São José que encontramos entre outros moradores os pescadores artesanais⁶urbanos que deram sua importante contribuição para a escrita deste artigo. A pesca aqui geralmente é uma atividade masculina, entre uma ou duas pessoas por canoa e esses pescadores usam os seus instrumentos de pesca de forma ainda artesanal, e fabricam os mesmos com bastante habilidade a fim de garantir a sua subsistência e de sua família, e denominam esses apetrechos de pesca de “arreios ou material de pesca”. São profundos conhecedores dos ambientes de pesca como os rios, lagos, igarapés e outros. Praticam essa atividade em dias alternados durante o ano todo, no intervalo se dedicam a suas famílias e ao mesmo tempo a manutenção de seus arreios (apetrechos de pesca). A maioria desses pescadores iniciou sua vida pesqueira desde a infância e a exercem até aos dias de hoje. Entre os entrevistados todos foram unânimes em dizer que não sabem fazer outra coisa a não ser pescar e fazem com prazer. Como é o caso do pescador Ocivair da Silva, 57 anos:

[...] Desde cinco pra seis anos eu sou filho de pescadô e eu amo isso, amo! Pra mim não tem outra coisa se não for pesca [...] É da onde eu ganho pô.[...]. A pesca pra mim, pra mim é tudo, quando eu nasci do meu pai, minha mãe o que eles me ensinaro foi isso, e pra mim é um orgulho sê pescadô, quanto mais eu faço mais eu amo minha profissão, quanto mais eu chego puxando peixe pra mim é orgulho por que eu nasci disso e sou filho de um pescadô que também tinha orgulho de arpuá pirucu naquele tempo tinha demais.

⁶ Segundo Furtado (1993), o termo pescador artesanal é uma tipologia criada pela colônia de pescadores para legalizar aqueles trabalhadores que vivem exclusivamente ou quase exclusivamente da pesca comercial, a fim de garantir-lhes direitos trabalhistas como qualquer cidadão da área urbana, tais como salário defeso, aposentadoria por tempo de serviço, saúde, créditos e financiamentos para compra de equipamentos e outros bens de consumo.

A prática da pesca por esses sujeitos pescadores do bairro de São José Operário é feita desde sua infância e com isso passam a tomar gosto pela atividade ainda mais quando esta é repassada por seus pais, que fizeram dos seus locais de pesca uma verdadeira escola prática para seus filhos e hoje estes cuidam desses lugares como se cuidasse de sua própria casa, pois eles sabem o quanto esses recursos pesqueiros são importantes nas suas vidas. Neste caso Ramos (2009, p. 166 e 167) afirma que: “A percepção do pescador amazônico sobre seu objeto de trabalho (o peixe) e o ambiente de trabalho (os rios, lagos etc.) é a base de sua subsistência e as formas de manejar esses recursos contribui para a conservação do ambiente”.



Figura 3: poção: Ambiente aquático do Lago do Parananema em época de vazante.
Fonte: COLARES, 2015.

O trabalho da pesca feita pelos pescadores do bairro de São José Operário é realizado nos diversos ambientes aquáticos existentes nas localidades de várzea que muitas vezes são pertencentes a comunidades ou são formados por complexos lacustres, ou seja, dentro de uma localidade existe vários lagos como é o caso do lago do Parananema que possui: Acará-Açu, poção, Lago Grande, Lago do Jacaré; a comunidade do Chibuí tem: Chibuí, Chibuzinho, Lago da Cristina, Cumaru, Pá-de-Só, Lago do Acari, Caridade, Arrozal; e na comunidade do Saracura existem: Muratinga, Saracura, e Saracurinha.

Esses são os ambientes de trabalho revelados pelos pescadores do bairro de São José, que procuram por essas localidades por terem uma boa oferta de recursos pesqueiros, por terem relações próximas com o lugar e alternam as suas pescarias nesses ambientes conforme as mudanças hidrológicas. Assim relata o pescador artesanal Jorge Carlos Pereira de 60 anos: “[...] agora com malhadeira por causa da seca porque quando enche mesmo, a gente chama aqui de caniço. Daqui mais dias é só com ele porque aí começa a corredeira, escoar a água né, aí não tem condições de pescar com malhadeira, aí só vai já no caniço mesmo”.

Os pescadores do bairro de São José exercem suas atividades para meio de sua própria subsistência que é realizada com apetrechos artesanais, como as flechas e arco, as tarrafas, as hastes com arpões, os espinheis, os caniços, e pequenas malhadeiras, caixa de isopor de 70 litros, todos associados a pequenas embarcações como as canoas movido a motor que consome gasolina (rabeta), os cascos movidos a remo.

Embora alguns arreios sejam confeccionados com materiais industrializados, como a linha de nylon, esses pescadores afirmam causarem menores danos à natureza ao capturar o pescado. Desta maneira dando possibilidade das espécies de peixes continuarem sua procriação e ao mesmo tempo conservando a reserva pesqueira que para eles é de grande importância nas suas vidas.



Figura 4: Materiais de trabalho pesqueiros.
Fonte: COLARES, 2015

Diferentemente agem os pescadores comerciais⁷ que usam a rede de arrasto, as grandes malhadeiras, associados a grandes embarcações contendo geleira, várias canoas que vão ao reboque das embarcações e etc. e com isso acabam criando conflitos entre as categorias, como nos informa seu Ocivair, 57 anos:

Naquele tempo no Parananema [...] não tinha os arreios pesados que hoje em dia já tem: arrastadeira, malhadeira grande 108, 160, a malhadeira pra quê pô? O peixe, o tempo da choca do peixe, deixa o peixe chocá pra aumentá, mas não, eles querem acabá pô [...] Porque isso é uma covardia que eles tão fazendo.

Percebemos na fala do senhor Ocivair que os pescadores artesanais urbanos do bairro de São José pescam para o autoconsumo de sua família, e têm uma contínua preocupação em

⁷ Para Furtado (1993), os pescadores comerciais, também conhecidos como pescadores citadinos são aqueles que se dedicam a atividade da pesca o ano todo, se deslocando a grandes distancias em busca de lagos e rios piscosos. Por isso, o raio de ação desse tipo de pescador é bem maior do que o dos pescadores de subsistência.

conservar os recursos pesqueiros, uma vez que, é daí que tiram seu sustento diariamente e também pelo fato de que, esses lagos tem um valor histórico para cada pescador e, assim como seus pais lhe ensinaram a pescar, estes querem continuar tendo a possibilidade de exercer essa atividade ainda por longo período. Enquanto, que os pescadores comerciais somente se preocupam em obter lucros diariamente sem se conscientizar que podem estar destruindo definitivamente os ambientes lacustres que fornece grandes variedades de pescado necessário para a alimentação humana e para a reprodução de espécies de pescado.

O pescado é um recurso natural essencial para a cidade de Parintins, além de ajudar na alimentação diária da sociedade local também beneficia os pescadores artesanais urbanos, sobretudo os do bairro de São José, pois sabem que os recursos pesqueiros é a fonte proteica, que ao vendê-los ajuda no orçamento familiar dos mesmos. Mas o livre acesso ao ambiente de pesca preocupa esses pescadores, pois presenciam diariamente a devastação desses recursos pesqueiros. Com isso, os pescadores artesanais de subsistência serão os primeiros a sentir os impactos e posteriormente os consumidores urbanos. Desta forma Almeida estabelece:

De maneira geral, o livre acesso aos recursos reduzirá ainda mais a margem de lucro e por isso são importantes as regras que controlem o acesso ao recurso pesqueiro na região [...] O acesso aos recursos naturais também deve ser controlado por meio de políticas de incentivos fiscais, para evitar a sobreexploração (sic) dos recursos, como geralmente tem acontecido, e incentivar o desenvolvimento econômico sustentável (2006, p.103).

O livre acesso desses ambientes lacustres nas várzeas do município de Parintins-AM gera uma procura descontrolada pelos recursos aquáticos por pescadores vindos de estado e municípios vizinhos, e por pescadores da própria localidade. O Plano Diretor do Município de Parintins-Am 2006 (CAPÍTULO IV. Art.18), estabelece o seguinte:

A política municipal do meio ambiente tem como objetivo promover a conservação, proteção, recuperação e o uso racional do meio ambiente, em seus aspectos naturais, estabelecendo normas, incentivos e restrições visando a preservação ambiental e a sustentabilidade da cidade, para as presentes e futuras gerações.

Percebe-se que, se os recursos heliêuticos fossem protegidos às sombras desta lei, então não teríamos que correr o risco do esgotamento das reservas ictiofauna. Porque, na realidade não é bem assim que ocorre, há na verdade o não comprometimento das políticas públicas para uma possível educação do uso racional do meio ambiente. Isso facilita ainda mais a exploração dos recursos pesqueiros, principalmente pelos pescadores comerciais e, ameaçam a atividade daqueles que dependem do pescado para a sua subsistência. Sendo

assim, encontramos no conhecimento empírico do senhor Raimundo Nogueira de 69 anos, pescador artesanal do bairro de São José Operário que nos relata o seguinte:

[...] naquele tempo lá onde nós morava tinha disconforme pexe, gente isculhia [...] tracajá, pirarucu, afinal tudo, capivara naquele tempo a gente via lá de casa aquele lote. Huje em dia não se vê. Mas de certo tempo que os outro acabaro com os bicho [...] porque antigamente cê andava nesses lago tudo tinha barranco, huje em dia não, porque que se forma, o barranco saiu, o pexe vai procurar casa pra ele onde murá e agora o gado chegu, tira tudo, o capim principarmente, búfalo que ele vai lá nágua e thipi! Thipi! Thipi! [...] e pronto o peixe sai de baixo do capim, quando não ele acaba com o capim, aí fica naquilo, aí o pexe não tem onde ir [...] uma vez um cara falando pra mim: olha nós temo acabando com os pexe. Nós não, cê não diga isso não que pexe tem muito! [...] agora só acontece que não tem onde eles pará [...] que o capim não tem pra eles pará.

A experiência adquirida pela convivência nos lagos devido à atividade da pesca por esses pescadores revela a realidade nas mudanças que vem ocorrendo nos ambientes de recurso pesqueiro. A presença da pecuária nas áreas de várzeas vem se intensificando de maneira desordenada e cada vez mais o homem vem usando os recursos naturais de maneira irracional, transformando em mercadoria onde poucos se beneficiam, enquanto os que realmente vivem e dependem desses recursos para a manutenção socioambiental, ou seja, os pescadores artesanais de subsistência, são os mais prejudicados, como nos relatou o senhor Jorge Carlos pereira 60 anos pescador do bairro de São José.

[...] Muitos pescadores que eu converso com muitas pessoas que eles não quê pegá pouco né, se ele pudé pegá tudo que tá ali, ele trás. Então ele já tem uma [...] invasão a própria natureza né, que eles fazem muito isso aí. Arreios pesados [...]. Nós temos terreno de várzea ali no Poção e era o maió centro de cardume de pexe era aí, de toda qualidade de pexe tinha lá, que era só nós que morava lá, eu morava desde pequeno tomando conta do lugá lá e tinha maió quantidade de pexe ali, [...] pexe que vinha dos lagos centrais assim pro canal, se acumulava aí, e hoje tá difícil, os latifúndios compraram lá área então devastaram.

Face a este conflito socioambiental, se percebe que o Estado se posiciona de maneira favorável aos empresários capitalistas, seja de forma omissa por não procurar solucionar a luta entre os dois segmentos antagônicos, seja colocando as prioridades econômicas dos pescadores comerciais e atravessadores acima das necessidades dos pequenos produtores, isto é, dos pescadores artesanais de subsistência e, conseqüentemente, ignorando a pilhagem da natureza.

3 A PESCA COMO ALTERNATIVA DE RENDA PARA OS PESCADORES ARTESANAIS DO BAIRRO DE SÃO JOSÉ

A pesca é a atividade que consiste na retirada de recursos aquáticos tanto para fins financeiros quanto para meios de subsistência. Esta por ser uma atividade extrativista mais antiga desenvolvida pelos seres humanos também faz parte do setor primário da economia. A atividade pesqueira do município de Parintins é desenvolvida tanto pelos pescadores ribeirinhos, como também pescadores citadinos que por serem herdeiros de uma tradição milenar são também profundos conhecedores sobre a pesca e sobre as localidades onde são praticadas essas atividades. Tal atividade só veio ter valor econômico com a chegada dos primeiros colonizadores. A partir daí então essa atividade começa a sofrer fortes mudanças devido aos instrumentos de pesca mais desenvolvidos e eficazes na captura de grande quantidade dos recursos heliêuticos fazendo com que a escassez dos recursos pesqueiros se torne mais difícil principalmente para aqueles que sempre se utilizaram de tais recursos para a sua sobrevivência. De acordo com Cardoso (2014, p. 24) “historicamente, a atividade de pesca artesanal se expressa no Amazonas como uma das atividades humana de maior relevância, significando fonte de alimento, comércio e lazer tanto para as populações urbanas como, e, especialmente para as que residem às margens dos rios”. Esses homens da Amazônia que conhecem a região sabem que não se pode acabar com os recursos oferecidos pela natureza, pois são desses recursos que eles garantem o sustento de suas famílias.

Parintins tem uma intensa atividade pesqueira, que busca suprir não só o abastecimento local, como também a exportação do peixe [...]. O peixe é considerado a principal fonte de proteína animal do município e principal fonte de renda da população ribeirinha, sendo a atividade pesqueira praticada em todo o município. (COUTO, 2005, p. 29).

E o maior motivo dessa atividade pesqueira ainda é nos dias de hoje, a base de subsistência do núcleo familiar. Já que, o pescado tende a suprir a necessidade das famílias de baixa renda que precisam consumir alguns produtos de origem industrial e, a pesca fornece um mínimo de renda monetária para a aquisição desses gêneros. Porém, alguns fatores são importantes frisar como, por exemplo, a restrição de um olhar da parte do poder público, que com sua visibilidade curta não percebe que esses portadores de cultura singular precisam de mais apoio para adquirir renda para o mantimento de suas famílias e, para isso precisam de um espaço legal no mercado local para realizarem a venda de seus excedentes com mais segurança e higiene. De acordo com Cardoso (2014), “o trabalho na pesca artesanal em

Parintins não dispõem de políticas de apoio à produção tanto no que tange a infraestrutura, quanto para o beneficiamento e produção do pescado”. A construção de um ambiente para se comercializar seus pescados sem ter que disputar o espaço com atravessadores, facilitaria a vida desses pescadores artesanais de subsistência, que colocam seus excedentes de qualquer maneira a disposição do cliente. Sendo assim o senhor Clenildo Vasconcelos, pescador artesanal do bairro de São José, nos relata o seguinte:

[...] eu queria que ele tivesse o olho, assim de butá uma classe sim, pra nós chegá e podê vendê o peixe que seja tudo tabelado mais não é tabelado pô, [...] olha o quilo do tucunaré é dois e cinquenta, o que o cara vai fazer com dois e cinquenta que não dá pra comprá um quilo de açúcar [...] era pra nós chegá e colocá nosso peixe na banca e vendê, mas não [...] tem esse mercado que disqui é mercado, o prefeito não se manifesta, ninguém se manifesta taí. Fica difícil pra gente. Graças a Deus, que tem a parede desse curral [...] esse é um ponto muito bom [...] hoje em dia né essas autoridade grande aí não se manifesta pra nada mais [...] porque eu acho errado a gente i pra bera da rua vendê o peixe né, pra mim é errado isso. Si tivesse um local pra chegá e vendê o peixe né. Se tivesse a saúde por lá é até arriscado multá o cara, tá vendendo bera da rua!

Assim como este pescador nos relatou algumas de suas dificuldades outros sujeitos pesquisados também discorreram sobre as mesmas reivindicações, ou seja, a questão da infraestrutura é precária para beneficiar esses pescadores artesanais que pescam para sua subsistência e de suas famílias. Então os sujeitos sociais aqui pesquisados usam de suas estratégias como: fazer suas vendas ocupando as calçadas feitas para pedestres (meio fio) para que assim se aproxime do consumidor; vedem seus pescados ainda em forma de cambada, concorrendo com os atravessadores que vendem o peixe a quilograma. No entanto, essa concorrência torna-se desigual, pois o mesmo pescado que é vendido na balança pelos atravessadores nas feiras por um preço até três vezes maior do que o preço pelo qual foi adquirido foi pego pelos pescadores artesanais e, que não conseguem vender toda a sua produção, muitas vezes devido à exigência do consumidor frente ao local inadequado para a exposição do peixe, então são muitas vezes obrigados a vender seu pescado a esses atravessadores por um preço que não compensa um terço de seu esforço despendido.

Nessa concorrência por espaço, os pescadores, especificamente os que moram no Beco São José acabaram por dar uma contribuição sociocultural à cidade, mesmo que essa contribuição ainda não seja reconhecida legalmente perante a política governamental tanto local quanto Estadual, mas já é reconhecida por uma boa parte da sociedade parintinense. Estamos falando aqui do local de venda dos pescadores citadinos, que foi denominado de Pau de Ouro que recebeu esse nome devido a característica do peixe vendido, mais precisamente o tucunaré por ter a cor amarelada. Nas falas do senhor Ocivair (57): “*Às vezes as pessoas*

perguntam: Tá gelado? Eu digo: não. Porque o nosso peixe, a gente vende o peixe quase vivo. Então o peixe não perde a cor pô. É por isso que chamam pau de ouro pra nós lá. A gente quê vendê um peixe, uma qualidade pô, de peixe bonito”.



Figura 5: “Pau de Ouro”: ponto de Venda do pescado.
Fonte: COLARES, 2015.

Esses pescadores se preocupam em oferecer aos seus clientes um pescado de qualidade mantendo-os em boa conservação, apesar de o trabalho da pesca não ser fácil para esses pescadores que precisam fazer todo esforço possível para capturar os peixes que alimentam as famílias da cidade de Parintins. Muitas das vezes trabalham em dupla, ou trio mais em sua maioria trabalham sozinhos. Desta forma as suas atividades tornam-se cada vez mais desafiadoras, principalmente em época de vazante dos rios, lagos, igarapés e outros, pois as dificuldades enfrentadas no transporte de seus pescados do lago até a área urbana é uma tarefa que requer muito esforço físico e estes fazem esses transportes em sacas de fibra sintética, como o senhor Luiz Simas 69 anos nos relata:

“Aí tem vez que seca o igarapé. Pra vir pra cá pro Amazonas, a gente vem arrastando canoa pra sair pro Amazonas. Tudo isso é dificuldade. Agora quase ninguém arrasta a canoa porque a gente deixa a canoa nos lago né. Agora é dificuldade pra carregá. Uma hora dessa cê tem que vir, já vem, já vem trazendo peixe pra casa, carregado no ombro, na saca, quando não, gente põe, mete no pau dois, vem uma saca, quando não, vem na cambada mesmo porque uma hora dessa o sol não tá quente ainda né”.

Além desses pescadores artesanais urbanos não terem muitos recursos para a conservação do pescado, pois os pescadores não disponibilizam de grandes caixas de isopor com gelo, a falta de um porto estruturado para acomodar suas pequenas embarcações também é outro sério problema, uma vez que, a disputa por espaço entre as pequenas canoas e os barcos de grande e médio porte resulta não somente na destruição que os barcos causam às

pequenas embarcações dos pescadores, mas gera um conflito territorial levando ao prejuízo socioeconômico do pescador. A destruição das canoas dos pescadores acontece pelo fato de não existir um espaço próprio para eles guardarem seus meios de transporte pesqueiro, ou seja, o pouco espaço que lhes é oferecido tem que ser dividido com outros meios de transportes. Podemos verificar tal situação num trecho da entrevista do senhor Ocivair, 57:

Muita vez prejudica pô, porque tem muito motô que chega aí, cansou de quebrarem as canoa ai pô [...] quando o motô chega aí pô como tá vento né, ele chega que nem sabe pô, por sé uma canoa tu precisa dela amanhã pô, o caboco põe encima da canoa, eu disse: ê rapaz olha a canoa ai! O cara me olhou de lá né... Ocir e aí? A sua canoa parceiro vá lá [...] Bandou, meteram o motô né, que o vento como tá assim pô, pra dá o negócio do ré do motô e como tava meio no fundo alagou a canoa e a palheta começou a cortá tudinho ela [...] Pô, mas aí tem que tê ajuda pô. Se tu esculhamba uma coisa minha ou dos outros, você tá fazendo uma coisa errada pô, porque é um porto pô, dá pra desviá. Por que nós tamos colocando aqui a canoa? Por que, que o motô não tá pra cá? Por que ele é atoleiro pô. Nós já fechemo a parada: olha, nós encosta daqui pra cá vocês encostam de lá [...] Nós fizemo acordo pô, porque senão nós tava fumado aí nesse pedaço. Nós já temo fumado por causa do atoleiro pô, se colocar um motor perto dessas canoas ele vai esculhambá tudo.

Devido a isso os pescadores do bairro de São José demarcam seu território com estacas feitas com galhos de árvores retiradas das matas de igapó, e estas também servem para amarrar e proteger suas pequenas embarcações do choque ao entrarem em contato com as outras, ocasionado pelas maresias do rio, isso associado a grande quantidade de sedimentos transportados pela água corrente, que acumula no local de embarque e desembarque chamado pelos pescadores de “buraco”. Essa sedimentação por não ser permeável acaba gerando um atoleiro e assim dificultando cada vez mais a vida desses trabalhadores que diariamente sofrem uma constante dilapidação de sua força de trabalho.



Figura 6: “Buraco”: porto de saída e chegada dos pescadores.
Fonte: COLARES, 2015.

Além do mais, essa situação se torna um obstáculo ainda maior para que estes executem suas atividades pesqueiras principalmente nos horários de chegada e saída para suas áreas de trabalho. Neste caso é preciso que esses pescadores trabalhem coletivamente ajudando um ao outro. Como já foi enfatizada anteriormente a falta de um local estruturado para o embarque e desembarque de seus produtos e a acomodação de suas pequenas canoas ainda é muito carente em Parintins, pois os trabalhadores da pesca usam estratégias ainda rudimentares para proteger suas embarcações das ações do intemperismo e usam também as toras de madeira transportadas pela correnteza do rio Amazonas, para fazerem delas o acesso até suas embarcações, como nos mostra a imagem abaixo.



Figura 7: a falta de infraestrutura.
Fonte: COLARES, 2015.

Ressalta-se que os pescadores artesanais ainda convivem com precárias condições de trabalho comprometendo a qualidade de vida e de sua família (exposição ao sol, poucas horas de sono e descanso, baixos ganhos advindos da pesca, falta de acesso a serviços essenciais como saúde e educação, dentre outros). Mesmo sendo proprietários dos apetrechos de pesca (canoa, rabeta, malhadeira, tarrafa, caniço, etc.) não significa usufruir de uma situação mais fácil, porque as condições em que se executa a atividade pesqueira, da captura a comercialização ainda é muito restrita; e por mais que detenha a posse dos instrumentos de trabalho, ainda assim, não é suficiente para mudar seu quadro socioeconômico devido à exploração que envolve toda a atividade de pesca. Por causa dessas dificuldades o senhor Jorge, pescador do São Jose nos relata:

“Eu sempre falava pra ele: “olhe filho o estudo é futuro, pescaria não é futuro”. Pescaria é um meio de vida, não é um bem de vida. Então ele se dedicou ao estudo. E outra coisa: “o que eu passei, não quero que você passe filho”. Porque é duído pô, você pegá uma chuva à noite por aí sem podê durmi, carapanã. É um sofrimento pô. A pescaria de canoa pequena (JORGE, 60 ANOS)”.

Em função disso, os pescadores artesanais têm procurado de alguma forma se organizar para poderem reivindicar melhores condições de vida, trabalho e de acesso aos direitos da seguridade social. Mas, até mesmo os órgãos criados para ajudá-los, na maioria das vezes, não têm agido de forma a beneficiar aqueles que vivem unicamente da pesca. Como nos diz o pescador Ocivair (57anos):

Como eu disse pô [...] tava [...] recebendo esse seguro [...] que dava quatro meses, se ela ajudasse mais outro mês, desse cinco meses, dava pra gente fazer um empréstimo pô, pra comprá alguma coisa pra gente melhorá [...] comprá um motô, uma canoa, um rabeta, ajudava a fazê um pedaço de casa pra gente [...]. Mas, eles só querem acabá com a gente pô. O governo depois que se elege ele acaba com todo mundo. Porque eu esse ano tava com um projeto, tu viu lá minha casa né, tu viu aquele tijolo que tá lá eu comprei ano passado pô, com dinheiro que recebi do seguro não deu pra mim compra dois mil, mas eu comprei [...] trezentos tijolo. Aí eu fiz um empréstimo de cinco mil, como eu falei pra ti que eu desvaneci, por quê? Desvaneci pelo seguinte: cê faz um projeto, cê vai no banco, cê vai lá na colônia, cê é sócio [...] dá pro cê fazer, chega na hora você [...] não tem mais coragem pô que é horror de juro pô e, você ganha o quê? Quatro meses: setecentos e vinte e três reais, um salário. Como você vai pagar cinco mil por ano? Cinco mil e o juro? Não tem condição pô. Aí ô governo qué acabá com a gente, entendeu? (OCIVAIR, 57 ANOS).

Analisando a fala do senhor Ocivair, entendemos que o registro do pescador na Colônia dos Pescadores, não é garantia de lograr muitos benefícios. São muitas as dificuldades de atender os direitos do pescador, sendo que o registro na colônia implica o seguro defeso; empréstimos em bancos; encaminhar por parte da colônia os pedidos de

aposentadorias dos pescadores; financiamentos na compra de algum material pesqueiro entre outros direitos. Mas, como vimos no relato de seu Ocivair nem sempre as propostas aos pescadores é viável para os que pescam para meio de subsistência.

Nós fizemo tudinho, paguemo o sindicato, o INSS [...] Isso não é ajuda pro pescadô, agente faz um projeto pelo trabalho que nós semo: sócio da colônia, só que eles não querem ajudá a gente pô [...] Bom então a colônia não está ajudando a gente, se nós somo sócio da colônia então é pra ajudá nós pô, e não ajudá o banco [...] Então a associação não qué ajudá a gente pô, se for uma associação de pescadores, vou ajudá um ao outro pô. Pescadores de Parintins tem que ter ajuda disso. Se cada um pescadô ganhasse! Você sabe que tem o defeso, são quatro meses, se cada um ganhasse mil reais por mês não dava pra ajudá o que a gente faz aqui em Parintins, pescadores de caniço. Agora os pescadores que pesca de arrastadeira, de malhadeira grande ganha o dobro da gente. Esses que são os profissional. Mas nós semo melhores que eles, porque nós não depende de arreo pesado que eles tenho.

Enfatiza-se aqui as dificuldades enfrentadas pelos pescadores artesanais de subsistência na hora de recorrer à aposentadoria, pois a obtenção dos documentos exigidos para isso requer do pescador disponibilidade de tempo e paciência para conseguir. A não apresentação de todos os documentos impossibilita que os associados que deveriam conseguir esse benefício de forma mais fácil, fiquem refém da burocracia. Essa não apresentação desses documentos ocorre por causa de fatores como: o analfabetismo; o embaraço de ter que abandonar sua atividade pesqueira por longo período para enfrentar as filas tão comuns nos lugares onde tais documentos são obtidos e o custo financeiro que a retirada de alguns documentos lhe exige.

Os pescadores artesanais urbanos do bairro de São José Operário geralmente saem para pescar nos lagos da região, uma vez que, a produção registrada em Parintins provém, em sua maior parte, desses lagos. Por isso, para alguns pescadores esses lagos são de grande importância para prática da pesca artesanal de subsistência e também comercial. É o que podemos perceber na fala de um dos pescadores entrevistados, o senhor Ocivair da Silva Reis de 57 anos:

Pra mim mais é o Parananema e o Lago Grande. É os dois lagos: o Lago Grande e o Jacaré. O Jacaré pra nós é um lago que é criadô, aí ninguém coloca arrastadeira, a gente vai no caniço, todo dia joga ali, pode tê até 50 canoa [...] tu vai lá tu puxa, num lago onde você não custa, porque é um lago proibido era pra tê mais [...].

Este relato demonstra a preocupação dos pescadores, em conservar o seu ambiente de pesca. Estes têm consciência de que é necessário haver uma política de uso racional para a utilização de arreios (apetrechos) como arrasto, pois somente assim se consegue evitar que os lagos sejam totalmente devastado e prejudique os ambientes pesqueiros do tipo sustentável.

A depredação da natureza coloca em risco a própria permanência da atividade pesqueira, além disso, impõe uma redução na produção dos pescadores artesanais que abastecem o mercado interno. Isso ocorre por causa da destruição do espaço e dos recursos naturais. A entrada nos lagos, furos e paranás por barcos de pesca de todos os tamanhos vindos até mesmo de outros estados para realizarem a pesca comercial geram conflitos entre os pescadores artesanais e comerciais, onde os primeiros, para defenderem os lagos e conseqüentemente os recursos pesqueiros, fazem denúncia junto às instituições ambientais de fiscalização. Pois, ao se usar as arrastadeiras capturam-se não somente os peixes de interesses comerciais, mas também os quelônios etc. A não conservação desses recursos pesqueiros nos remete a outras questões:

[...] além da mortalidade das espécies novas, de forma indiscriminada, as pesadas e longas redes da frota industrial ao revolverem o leito do estuário destroem o “habitat” natural das espécies menores (os alevinos), que servem de alimento às maiores, de exploração comercial, interrompendo assim, em proporções não avaliadas ainda, a cadeia biológica que sustenta o equilíbrio ecológico do estuário, com sérios comprometimentos futuros, sejam de ordem natural, mas principalmente, de ordem social (LOUREIRO, 1985 p.146).

Por esse e outros motivos, os pescadores do Bairro de São José Operário não pescam grandes quantidades de peixes, pois, não disponibilizam de recursos financeiros nem equipamentos para os estoques pesqueiros. Esses pescadores artesanais pescam principalmente para manter sua subsistência alimentar, e destinam para a comercialização o excedente.

As jornadas de trabalho dos pescadores consiste em media de 11 horas diárias em dias alternados (partem geralmente as 4h e retornam as 15h). O regresso quase que diário aos rios e lagos sempre em busca do melhor peixe, justifica-se pela falta de equipamentos para a conservação de grandes quantidades de peixes o que implica na deterioração completa ou parcial da produção pesqueira. O deslocamento para o lugar de pesca tem duração variada, levando em consideração o tipo de embarcação utilizada. No entanto, necessitam chegar a tempo para a comercialização que se desenvolve no final da tarde.

“A gente vende só das quatro horas da tarde, porque o sol tá frio, a gente trás o peixe lá do lago, a gente não leva assim quase pra gelá, a gente leva um pouco de gelo porque o tucunaré esse tempo no verão pegá uma quentura ele moi. E tem pessoa atravessadô que vende peixe que compra da gente aqui pô, que passa uma semana, três semana pô. Eles colocam uns novo no meio pra eles tá tudo novo. Mas, quem vai comprá pô? Porque eles não vêm comprá aqui na gente aqui que tudo dia a gente tem peixe aí pra vendê pô, mas não o atravessadô é mais barato e tá na balança. Três tucunaré lá trinta, quarenta pau. Nós vende sete por vinte, quinze reais. Ninguém pode armazená pô, entendeu? Ninguém pode armazená esse peixe pô. A gente vai

tirando pra vendê pô. Das quatro horas gente chega enfia o peixe. Às vezes nem vende o peixe pô, gente faz quatro, cinco cambadas, às vezes gente vende uma, duas. Eu volto noutro dia pra pescá de novo. Eu mando a mulhé dividi pras irmã dela ou então eu mando pros meus irmãos lá pro Itaúna. É como fica melhó pra não estragá o peixe (OCIVAIR, 57 ANOS)”.

Podemos entender que o desprendimento da força de trabalho na pescaria se manifesta de forma desgastante comparada a outras profissões, devido à intensa jornada sob sol, chuva, vento e outras adversidades inerentes à atividade pesqueira como poucas horas de sono, noites mal dormidas, ferroadas de arraias etc. E há os atravessadores que desestabilizam ainda mais a vida econômica dos pescadores artesanais urbanos, pois como vimos na fala de seu Ocivair, vender o peixe para os atravessadores não representa nenhuma vantagem tanto para quem pesca quanto para a sociedade que consome. Pois, além do preço exorbitante repassado aos consumidores, a qualidade natural do pescado fica comprometida.

Outro fato entendido na fala desse pescador é a relação de parentesco ainda existente no seu núcleo familiar que na maioria das famílias contemporâneas essa relação vem se perdendo continuamente. Outro diferencial entre os pescadores artesanais urbanos do bairro de São José, pois eles não se preocupam em obter somente lucros, ao contrário, quando estes não conseguem vender todo seu pescado, ocorre a distribuição entre seus familiares: “[...] *se eu não vendê, aí eu mando a mulhé dividi o resto, dá lá pro teu irmão, dá lá pro fulano, manda lá pro papai, manda lá pra minha irmã*” (OCIVAIR, 57 ANOS).

Isso ocorre também no local de venda onde existem pescadores membros de uma mesma família: “[...] *Tudos são pescadores, de lá aí de casa do Pau de Ouro até no fim só meus cunhado são onze, são onze pescadô*”. Essa relação de parentesco vai além da atividade pesqueira, se reflete em alguns costumes tradicionais como o apadrinhamento entre os parentes, o respeito dos mais jovens frente aos mais velhos e se ajudam coletivamente sem nem um interesse financeiro, mas somente por serem parentes, ou seja, fazem isso por consideração ao próximo. Assim é os pescadores artesanais de subsistência do bairro de São José operário, especificamente do Beco São José.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento desta pesquisa sobre a vivência e as experiências desenvolvidas pelos pescadores artesanais de subsistência do bairro de São José, nos permitiu constatar que no cerne dessa atividade os pescadores artesanais urbanos vivenciam com problemáticas que dificultam melhorias socioeconômicas para sua família e conseqüentemente para a

sobrevivência do grupo humano. Porém, esse sujeito social que é o pescador, ainda vive à margem das políticas públicas pesqueira, consequentemente, não recebem atenção e incentivos das instituições que atuam com as atividades heliêuticas, ficando assim na exclusão dos projetos governamentais e na invisibilidade dos consumidores urbanos. Assim, com o passar do tempo esses sujeitos com seus saberes tradicionais tão importantes, deixarão de existir e ficarão somente nas memórias e estas também se perderão. Então, as gerações futuras desconhecerão os costumes, as vivências, seu modo de falar, seus conhecimentos e técnicas de pesca, ou seja, se perderá um legado que poderia ter sido mais valorizado.

Assim são os pescadores artesanais urbanos do bairro de São José, que pescam para meio sua subsistência e de suas famílias e ainda produzem seus instrumentos de pesca de forma artesanal, confeccionando-os com bastante habilidade e técnica repassadas de pai para filho, fazendo parte da riqueza cultural de Parintins, e que portanto, merecem reconhecimento da parte da sociedade parintnense e valorização das políticas públicas.

REFERÊNCIAS:

ALMEIDA, Oriana Trindade de. A indústria pesqueira na Amazônia – Manaus: Ibama/Provarzea, 2006.

CARDOSO, Maria Sandrelle Gonçalves. Do caniço ao Rapixé: Os pescadores artesanais e a política de seguro desemprego do pescador artesanal- PSDPA na comunidade divino espírito santo Parintins- Amazonas, 2014. 139 f. Dissertação (mestre em ciências do ambiente e sustentabilidade na Amazônia)-----universidade federal do Amazonas, Manaus, 2014.

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa Qualitativa em Ciências Humanas e Sociais/ 2. Ed.**- Petrópolis, RJ: vozes, 2008.

COUTO, R. (org.) Plano Municipal de Desenvolvimento Rural Sustentável: Parintins – AM, 2005-2012/ Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar, Projeto de Apoio aos Pequenos Produtores Rurais do Estado do Amazonas – Manaus: Ibama, Pro Várzea, 2005.

CRUZ, Manoel de Jesus Masulo. Territorialização Camponesa na Várzea da Amazônia; as territorialidades aquáticas: o uso da água na Amazônia. Tese de doutorado (programa de pós-graduação em geografia humana, departamento de geografia da faculdade de filosofia, letras e ciências humana)-----universidade de São Paulo 2007.

FURTADO, Lourdes. **Pescadores do rio Amazonas: um estudo antropológico da pesca Ribeirinha numa área amazônica.** Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1993.

FRAXE, Therezinha de Jesus Pinto. A Pesca na Amazônia Central – Ecologia, conhecimento tradicional e formas de manejo. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2009.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social/ _ 5. Ed. _** São Paulo: Atlas, 1999.

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/>. Acesso em 18 de outubro de 2015.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica/ 6. Ed.** São Paulo: Atlas, 2007.

LOUREIRO, Violeta Refkalefsky. Os parceiros do mar: natureza e conflito social na pesca da Amazônia. Belém: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, CNPq – Museu Paraense Emílio Goeldi, 1985.

MARCONI, Marina de Andrade. Antropologia: Uma Introdução. São Paulo, Atlas, 2001.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PARINTINS. Plano diretor de Parintins. Lei nº09/2006.

RAMOS, Paula Mirana de Sousa. Etnoconhecimento de pescadores na Amazônia central: Estudo de três comunidades nos lagos grandes e são Lourenço, Manacapuru (AM). In:

FRAXE, Terezinha de Jesus Pinto. A pesca na Amazônia central – Ecologia, conhecimento tradicional e formas de manejo. Manaus: Editora da universidade federal do Amazonas, 2009.

RAPOZO, Pedro. Pescadores e Territórios Sociais no Mundo do Trabalho da Pesca na Costa do Pesqueiro II, Baixo Rio Solimões – Manacapuru (AM). In: FRAXE, Therezinha de Jesus Pinto. A Pesca na Amazônia Central – Ecologia, conhecimento tradicional e formas de manejo. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2009.

SOUZA, Crizan Graça de; Oliveira, Geisilane Tavares de; Souza, Iuvanor Graça de. Ocupações urbanas irregulares: um estudo sobre relação entre habitação e condições de moradias dos habitantes da área inundável do Beco Ademir Farias, no bairro de São José Operário, em Parintins Amazonas. VII congresso brasileiro de geógrafos. Vitória/ES, 10 a 16 de agosto, 2014.

VERÍSSIMO, José. **A pesca na Amazônia**. Belém: Universidade do Estado do Pará, 1970.

WITKOSKI, Antônio Carlos, et al. Etnoconhecimento e Práticas de Pesca. In: FRAXE, Therezinha de Jesus Pinto. A Pesca na Amazônia Central – Ecologia, conhecimento tradicional e formas de manejo. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2009.